CARTA INTERNACIONAL
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ISSN 2526-9038

Tem um elefante na sala de aula? Uso de inteligências artificiais (IA) no ensino de Ciência Política e Relações Internacionais

Is There an Elephant in the Classroom? The Use of Artificial Intelligence (AI) in the Teaching of Political Science and International Relations

¿Hay un elefante en el salón de clases? El uso de la inteligencia artificial (IA) en la enseñanza de Ciencias Políticas y Relaciones Internacionales

DOI: 10.21530/ci.v21n2.2026.1718

Elia Elisa Cia Alves[1]
Vanessa Horacio Lira[2]
José Francelino Galdino Neto[3]
Ivan Filipe Fernandes[4]

Copyright:

• This is an open-access article distributed under the terms of a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided that the original author and source are credited.

• Este é um artigo publicado em acesso aberto e distribuído sob os termos da Licença de Atribuição Creative Commons, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte originais sejam creditados.

1 Doutora em Ciência Política pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco (PPGPCP, UFPE). Professora adjunta no Departamento de Relações Internacionais (DRI) da UFPB e no Programa de Pós Graduação em Ciência Política e Relações Internacionais (PPGCPRI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa – PB, Brasil. (elia.cia@academico.ufpb.br). ORCID: **https://orcid.org/0000-0002-0434-7656**.

2 Doutora em Ciência Política pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco (PPGPCP, UFPE). Pós-doutorado em andamento na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa – PB, Brasil. (vanessa.horacio.lira@academico.ufpb.br). ORCID: **https://orcid.org/0000-0002-8667-3411**.

3 Doutor em Ciência Política pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco (PPGPCP, UFPE). Professor Doutor A (Dedicação Exclusiva) no Bacharelado de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) João Pessoa – PB, Brasil. (netogaldino@servidor.uepb.edu.br). ORCID: **https://orcid.org/0000-0002-1115-0827**.

4 Doutor em Ciência Política pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH, USP). Professor do Bacharelado em Políticas Públicas (BPP) e do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas (PPGP) da Universidade Federal do ABC (UFABC), São Bernardo do Campo – SP, Brasil. (ivan.fernandes@ufabc.edu.br). ORCID: **https://orcid.org/0000-0002-4236-4393**.

Artigo submetido em 17/06/2026 e aprovado em 28/10/2026.

Resumo

Como professores podem lidar com as inteligências artificiais no ensino? A partir de uma abordagem de ensino ativo, este artigo apresenta os resultados de um *survey* com docentes da área de CPRI no Brasil sobre o uso de IAs em sala de aula e os desafios associados. Em seguida, discute suas potencialidades como instrumento técnico e político a partir de casos práticos de aplicação em diferentes disciplinas. Por fim, propõe recomendações de plataformas e protocolos para o ensino e a pesquisa, sem desconsiderar as implicações éticas e políticas da IA, como vieses, desigualdades, violências e apagamentos históricos.

Palavras-chave: Notas de ensino, Inteligência artificial, Tecnopolítica, Ensino-aprendizagem.

Abstract

How can professors address artificial intelligence in higher education? Drawing on an active learning approach, this article presents the results of a survey of Political Science and International Relations (PSIR) faculty in Brazil on the use of AI in the classroom and the associated challenges. It then discusses AI's potential as both a technical and political tool through practical applications across different courses. Finally, it proposes recommendations for platforms and protocols for teaching and research while acknowledging the ethical and political implications of AI, including biases, inequalities, violence, and the erasure of historical events.

Keywords: Teaching notes, Artificial intelligence, Technopolitics, Teaching-learning.

Resumen

¿Cómo pueden los docentes abordar la inteligencia artificial en la enseñanza? A partir de un enfoque de aprendizaje activo, este artículo presenta los resultados de una encuesta realizada a docentes del área de Ciencia Política y Relaciones Internacionales (CPRI) en Brasil sobre el uso de la IA en el aula y los desafíos asociados. A continuación, analiza su potencial como herramienta técnica y política a partir de casos prácticos de aplicación en diferentes asignaturas. Por último, propone recomendaciones sobre plataformas y protocolos para la enseñanza y la investigación, sin dejar de considerar las implicaciones éticas y políticas de la IA, como los sesgos, las desigualdades, las violencias y el borrado de acontecimientos históricos.

Palabras clave: Notas de enseñanza, Inteligencia artificial, Tecnopolítica, Enseñanza-aprendizaje.

Introdução[5]

A difusão das plataformas de inteligência artificial (IA) generativa tem impactado a sociedade e a sala de aula, com efeitos ainda incertos sobre o processo de ensino-aprendizagem. Embora seu uso possa melhorar alguns aspectos do desenvolvimento discente, também está associado a respostas superficiais e padronizadas, referências inexistentes ou não utilizadas nas disciplinas, além de erros factuais e argumentativos levando, no limite, a uma precarização do aprendizado.

Se, nas últimas décadas, o desafio dos professores, especialmente de ciências humanas ou sociais, era que os alunos lessem previamente os textos (Becker, Gilbert e Bezerra 2024), hoje parece maior: como ter certeza da autoria de um trabalho acadêmico? Alunos buscam atalhos no aprendizado, sem consolidar fundamentos básicos da análise crítica, formada por leitura e exercícios (Cizmar e Holt 2023). Do lado do ensino, docentes também têm usado plataformas de IA na preparação de aulas e atividades avaliativas.

A literatura é relativamente entusiasta do uso de IA no ensino, destacando melhorias na aprendizagem por engajamento dos alunos e a aprendizagem personalizada, realidades ainda distantes da maioria das universidades brasileiras. Qual o papel do ensino de Ciência Política e Relações Internacionais (CPRI) diante da difusão do uso de ferramentas de IA? Haveria idiossincrasias da nossa realidade a respeito da IA em sala de aula que deveriam ser abordadas?

Observamos três abordagens das IAs no ensino superior: a) a desconsideração, ao ignorar o uso e o impacto das IAs no ensino e na sociedade; b) a delegação, em que disciplinas de metodologia científica concentram a responsabilidade de abordar a questão ou c) a perspectiva de que a difusão do uso dessas tecnologias tem efeitos sociopolíticos profundos, considerando que a formação crítica contemporânea precisa discutir a incorporação das IAs sob diferentes ângulos, promovendo o uso de práticas transparentes, éticas e replicáveis ou discussões sobre os riscos e problemas políticos e internacionais decorrentes.

Compreendemos que como docentes que lidam diretamente com o estudo do poder e de processos políticos, torna-se necessário compreender e desvendar

5 Este estudo foi financiado em parte pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, Brasil) – Processo nº 305574/2024-8 Bolsa de Produtividade em Pesquisa (Nível C), e em parte pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) e pela Fundação Alexander von Humboldt (Alemanha), por meio do Programa de Bolsas de Pesquisa CAPES-Humboldt – Processo nº 88881.096276/2024-01. Além disso, contou com o apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ), conforme o Termo nº 763/2026.

a IA como objeto com possíveis impactos na política, tanto doméstica, quanto internacional e que é impossível proibir o uso completo de plataformas de IA no ensino superior. Assim, cumpre refletir sobre os riscos de ignorar esse elefante na sala e adotar uma perspectiva crítica sobre seus efeitos.

Este artigo tem dois objetivos. Primeiro, apresentamos os resultados de um *survey* original exploratório das percepções e práticas de uso de plataformas de IA por docentes de cursos de graduação em CPRI no Brasil. Elaboramos um mapeamento preliminar sobre o tema, priorizando a delimitação do público investigado. Não se pressupõe a reprodução da demografia docente ou distribuição nacional dos cursos, mas que os dados descrevam os participantes, com limites à generalização. Reconhecemos que a amostra não probabilística e de adesão voluntária está sujeita ao viés de auto seleção, podendo favorecer a participação de docentes com maior interesse na questão. Segundo, sistematizamos experiências pedagógicas elaboradas e implementadas pelos autores em diferentes disciplinas, períodos e instituições de ensino superior (UEPB e UFPB), identificados nos quadros "Notas de ensino". Os relatos apresentam procedimentos, dificuldades e aperfeiçoamentos propostos a partir das experiências de sala de aula dos autores. São ideias de estratégias a docentes que desejam abordar ou adotar IA em seus cursos, mediante a adaptação de roteiros aos objetivos pedagógicos e às condições de aplicação, além de orientar questões para pesquisas posteriores.

O artigo está organizado da seguinte maneira. Além desta Introdução, fazemos breves reflexões conceituais e uma revisão de literatura sobre riscos e possibilidades do uso de IA no ensino superior, refletindo a partir da realidade de universidades do Sul Global. Na sequência, apresentamos resultados de um *survey* aplicado em Junho de 2025 com docentes de cursos de CPRI sobre o uso de IA na sala de aula. Então, apresentamos roteiros de atividades envolvendo o uso intencional de IA e concluímos a pesquisa tecendo algumas considerações finais.

A Inteligência Artificial no ensino superior: riscos e possibilidades

O uso da tecnologia no ensino superior apresenta oportunidades e desafios para estudantes e docentes. Na área de CPRI, compreender o papel das tecnologias digitais tornou-se essencial para a formação e a análise dos fenômenos internacionais, ao considerar os sistemas e infraestruturas que as sustentam

(Tanczer e Buzan 2019). As novas tecnologias da informação também modificaram as práticas de produção de conhecimentos e introduziram novos modos de pesquisa, com potencial para reformular conceitos-chave como poder, política e representação pela análise de grandes volumes de dados (*Big Data*) e do *machine learning* (Kaltofen, Carr e Acuto 2019). Novos conceitos surgiram, como a tecnopolítica, e novas formas de ação política, como a e-diplomacia evidenciam as transformações provocadas pelas tecnologias digitais (Bode 2024; Bjola e Holmes 2015; Batora 2008; Szkarłat e Mojska 2016). Como a tecnologia não é neutra, seu estudo demanda abordagens críticas e interdisciplinares, considerando sua dimensão geopolítica (Kaltofen, Carr e Acuto 2019; Bode 2024; Mayer, Carpes e Knoblich 2014).

Apesar disso, a área de CPRI no Brasil ainda incorpora a tecnologia de forma limitada, frequentemente tratando-a como fator externo ou subcampo temático, reduzindo sua importância no campo (Bode 2024; Singh e Rosenau 2022; Szkarłat e Mojska 2016). As teorias clássicas, formuladas em contexto industrial, apresentam limitações para compreender a era digital e as múltiplas implicações sociais da tecnologia (Bode 2024). A opacidade dos algoritmos e o excesso de informação ampliam desafios relacionados à transparência, à responsabilização, à desinformação e à qualidade do debate democrático (Roumate 2024; Zuboff 2019; Nemer 2022).

Tecnologias como a IA generativa suscitam dilemas éticos relacionados à agência humana, à responsabilidade e à própria definição do que significa ser humano (Valera e Castilla 2020). Ao mesmo tempo, muitos acadêmicos enfrentam dificuldades para acompanhar a velocidade da inovação tecnológica e desenvolver análises críticas sobre seu uso (Bode 2024; Szkarłat e Mojska 2016). Nesse contexto, é fundamental que a CPRI incorpore a tecnologia em sua agenda teórica, metodológica e prática, fortalecendo sua capacidade analítica e enfrentando as limitações estruturais da produção científica no Sul Global.

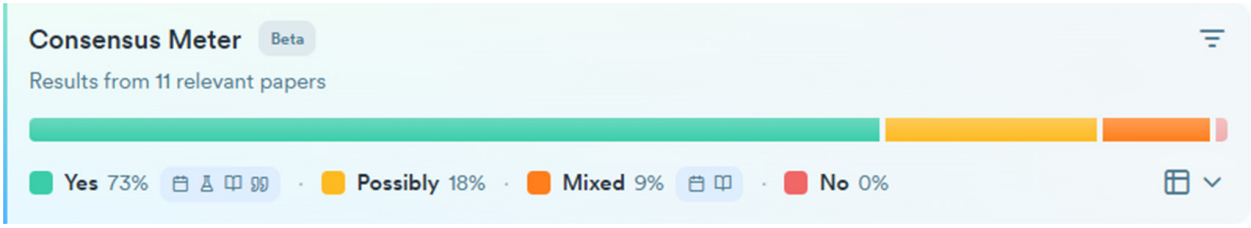
Apesar de ainda incipiente, dividimos contribuições da literatura sobre o impacto da IA no ensino superior em duas grandes[6] perspectivas: otimistas e céticas. As referências consideradas 'otimistas' foram obtidas através da plataforma *Consensus*[7]. Em consulta feita em 23 de maio de 2025, questionando '*are the*

6 Apesar disso, compreendemos que a questão é mais complexa para ser abordada de maneira tão reducionista, mas a classificação serve aqui como ferramenta heurística para compreensão do campo.

7 De acordo com a própria plataforma, o Consensus é um mecanismo de busca de IA para pesquisas científicas e acadêmicas, não é um chatbox. Ele pesquisa mais de 200 milhões de artigos acadêmicos e utiliza modelos de linguagem para compreender e sintetizar a literatura acadêmica mais rapidamente. Para mais informações, ver: https://consensus.app/home/blog/welcome-to-consensus/

impacts of AI in higher education positive?", a plataforma identificou, de 11 papers relevantes, 73% de análises favoráveis e 0% de análises negativas, conforme a Figura 1. Destes, destacamos aqui os trabalhos de Alotaibi (2024); Abbasi, Wu e Luo (2025), Msambwa, Wen e Kangwa (2025); Wang e Fan (2025).

Figura 1. Resultado de consulta à plataforma *Consensus*, sobre o uso de IA no ensino superior



Fonte: Plataforma Consensus, consulta feita em Junho de 2025 .

Observa-se, inicialmente, que a plataforma não reportou nenhum estudo fundamentalmente crítico, o que já nos leva a identificar um potencial viés de seleção dos *papers*. Segundo conclusão da própria plataforma: "*o impacto geral da IA no ensino superior é positivo – melhorando a aprendizagem, a avaliação, o acesso e a eficiência – desde que seja implementada de forma responsável. Os benefícios não são automáticos: diretrizes éticas sólidas, governança, capacitação do corpo docente e atenção à equidade e à integridade acadêmica são essenciais para manter o impacto líquido positivo.*" (Consensus 2025, tradução nossa[8]). A plataforma também apontou, dentre os trabalhos analisados, possíveis desafios e considerações éticas, tais como a privacidade de dados e os problemas de viés.

Do lado dos otimistas, destaca-se o potencial da IA para desenvolver recursos digitais, aplicativos e ambientes de aprendizagem inovadores, como promover atividades interativas e colaborativas, identificar lacunas de aprendizagem e estimular a resolução de problemas (Msambwa, Wen e Kangwa 2025), embora essas possibilidades ainda estejam distantes da realidade financeira e institucional das universidades brasileiras. Segundo Alotaibi (2024) e Abbasi, Wu e Luo (2025), a integração da IA às plataformas de ensino pode viabilizar trilhas de aprendizagem personalizadas, avaliações adaptativas e *feedback* em tempo real, contribuindo para maior engajamento, melhor qualidade do ensino e melhor

8 Original: *AI's overall impact in higher education is positive—improving learning, assessment, access, and efficiency—provided it is implemented responsibly. The benefits are not automatic: strong ethical guidelines, governance, faculty development, and attention to equity and academic integrity are essential to keep the net impact positive.*

desempenho dos estudantes. Wang e Fan (2025) realizaram uma meta análise envolvendo 51 estudos publicados, e destacaram os impactos positivos do Chat GPT no desempenho e na percepção de aprendizagem e de análise crítica, com foco em cursos das áreas de STEM[9] ou produção textual, sugerindo que o Chat GPT deveria ser integrado a um tutor inteligente, em diferentes modos de aprendizagem, especialmente em modelos baseado em problemas.

Apresentamos então reflexões céticas sobre a IA em contribuições que observam a realidade do ensino superior a partir das características locais. Iasulaitis e Silveira (2025) destacam os desafios éticos e os vieses associados ao uso da IA em sala de aula, sobretudo nas ciências humanas. Para os autores, é fundamental capacitar estudantes para compreender os fundamentos da IA e seus impactos sociopolíticos, ampliando sua capacidade crítica diante desse ator não humano na sociedade contemporânea.

Essa perspectiva é reforçada pelos resultados de um experimento conduzido por pesquisadores do MIT (Kosmyna *et al* 2025), que investigou os efeitos cognitivos do uso de grandes modelos de linguagem (LLMs). Os autores observaram que estudantes autorizados a utilizar LLMs desde o início da atividade apresentaram menor atividade neural do que aqueles que utilizaram mecanismos de busca tradicionais ou não recorreram a plataformas digitais. Além disso, demonstraram menor disposição para avaliar criticamente as informações produzidas pelas ferramentas, o que suscita preocupações quanto ao desenvolvimento do pensamento crítico no ensino superior.

Em perspectiva semelhante, Kehlenbach (2025) defende que os estudantes compreendam a infraestrutura material e política que sustenta essas tecnologias, incluindo seus impactos ambientais, custos sociais e vieses, frequentemente reproduzidos nos resultados gerados pelas ferramentas. Farias (2026) inclusive discute vieses e preferências por teorias específicas de Relações Internacionais. Assim, além de recurso pedagógico, a IA também pode constituir objeto de reflexão e investigação no ensino e na pesquisa, permitindo que docentes discutam criticamente com os estudantes as condições de produção e os efeitos sociais dessas tecnologias.

Diante desse cenário, torna-se relevante compreender como os docentes de CPRI no Brasil têm respondido à difusão dessas tecnologias. Para isso conduzimos um *survey* em Junho de 2025 cujos resultados são reportados na seção a seguir.

9 STEM é o acrônimo em inglês para cursos nas áreas de Ciências físicas, tecnologia, engenharia e matemática.

IA na sala de aula? O que pensam os docentes de CPRI no Brasil: metodologia e resultados

A pesquisa consistiu em um formulário online com 23 questões que foi divulgado através de canais institucionais da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) e da Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI). A participação da pesquisa era totalmente voluntária e os participantes assinalavam um termo de consentimento livre esclarecido antes de sua participação. Ao total, obtivemos 90 respostas ao formulário. Na sequência, apresentamos os resultados.

Do ponto de vista de representatividade da população investigada (docentes de cursos de CPRI no Brasil), apenas 8 respondentes declararam não ser docentes de curso de graduação (bacharelado) em CP ou RI, de modo que tais respostas foram eliminadas. Obtivemos, assim, 82 respostas válidas, 35 mulheres, 45 homens, 1 não-binário e 1 que preferiu não responder

A Tabela 1 reporta a distribuição de respondentes por categoria administrativa da universidade e tipo de contrato. Observamos um viés na baixa participação de docentes de entidades privadas, o que pode estar relacionado tanto à dificuldade em alcançar esses públicos, uma menor adesão desses profissionais às Associações da área ou, até um possível constrangimento institucional em responder questões que, indiretamente, poderiam estar relacionadas à performance em sala de aula.

Tabela 1. Distribuição dos respondentes por categoria administrativa e contrato de trabalho

	Qual a categoria Administrativa da sua Universidade?				
Seu contrato assemelha-se mais a que tipo?	PRIVADA COM FINS LUCRATIVOS	PRIVADA SEM FINS LUCRATIVOS	PÚBLICA ESTADUAL	PÚBLICA FEDERAL	Total
Permanente	7	7	13	43	70
Temporário (substituto, horista)	1	3	4	4	12
Total	**8**	**10**	**17**	**47**	**82**

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em termos de distribuição por idade, 50% dos respondentes declararam ter entre 30-40 anos, e houve uma concentração de respostas entre os estados de SP e RJ e PB, embora o *survey* tenha atingido 18 estados da federação e de todas as regiões do país, conforme observado na Tabela 2.

Tabela 2. Distribuição de respondentes por idade e UF

	Qual é a sua faixa etária?					
Estado da Federação	Até 30 anos	Entre 30-40 anos	Entre 41-50	Entre 51-60	Mais que 60 anos	Total
AM		1	1			2
AP		1	1			2
BA		2		1		3
CE		1				1
DF		3	1			4
GO		1				1
MG		2	3			5
PA		1		1		2
PB		6	5	3	1	15
PE		3		2		5
PR		3	1	1		5
RJ		6	2	1	1	10
RR	1	1				2
RS		2	4			6
SC			4	1		5
SE		1	1			2
SP		6	3	2		11
TO		1				1
Total geral	**1**	**41**	**26**	**12**	**2**	**82**

Fonte: Elaborado pelos autores.

Observa-se que os docentes, de modo geral, utilizam com mais frequência as plataformas de IA para atividades de pesquisa, conforme a Tabela 3. Enquanto 40 respondentes disseram usar IA com a mesma frequência que utilizam para ensino, 35 declaram um uso mais frequente nas atividades de ensino e apenas 7 docentes declaram um uso mais frequente em atividades de ensino do que em pesquisa. Quando perguntados sobre a importância do uso de IA no ensino, 46,34% declaram ser importante ou muito importante.

Tabela 3. Frequência de uso de IA em atividades de pesquisa e em atividades de ensino

	Uso de IA em Pesquisa					
Uso de IA em ENSINO	Não uso IA	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre	Total
Não uso IA	**10**	7	4	2		23
Raramente	1	**5**	4	5		15
Às vezes	1	1	**14**	11		27
Frequentemente			3	**9**	2	14
Sempre				1	**2**	3
Total	**12**	**13**	**25**	**28**	**4**	**82**

Fonte: Elaborado pelos autores.

Propusemos uma escala de cinco pontos para avaliar o quanto os respondentes acham que o uso de IA nas atividades de ensino é importante. Do total de 82 docentes respondentes, 46% consideram que o uso de IA no ensino é importante ou muito importante, evidenciando, outra vez, uma percepção considerável em relação ao potencial da ferramenta. Por outro lado, 10% consideram que a IA não é importante no contexto das atividades de ensino e 16% atribuem pouca importância à sua utilização, sinalizando certa resistência ou ceticismo frente às aplicações práticas da tecnologia em sala de aula. Um percentual significativo de docentes (28%) posicionou-se de forma neutra, atribuindo uma avaliação indiferente. Os dados sugerem uma divisão de opiniões, embora a maior parte dos respondentes reconheça algum grau de relevância para o uso dessas ferramentas na prática pedagógica, conforme detalhado na Tabela 4.

Tabela 4. Importância atribuída pelos docentes ao uso de IA no ensino (n = 82)

Respostas	Frequência	Percentual (%)
1 – Nada importante	8	9,76
2 – Pouco importante	13	15,85
3 – Indiferente	23	28,05
4 – Importante	16	19,51
5 – Muito importante	22	26,83
Total	**82**	**100,00**

Fonte: Elaborado pelos autores.

Também foi perguntado aos docentes em quais atividades de ensino já utilizaram IA, cujos resultados estão apresentados na Tabela 5. Do total de respondentes, 28% declararam nunca ter usado IA como uma ferramenta de

ensino. Outros 42% disseram já ter utilizado IA para preparação de avaliações, enquanto 55% afirmaram usar para a criação de recursos didáticos, como imagens, textos, slides e vídeos. O uso da IA para apoiar a elaboração de atividades didáticas, como construção de cenários e simulações, foi indicado por 35% dos participantes. Atividades de correção de avaliações aparecem com 12% das respostas, e o uso da IA para leitura automatizada de trabalhos foi relatado por apenas 6% dos docentes, lembrando que as respostas são múltiplas e a soma supera, portanto, o número de respondentes.

Por fim, 8,5% mencionaram outras formas de utilização, incluindo atividades como o desenvolvimento de protocolos para uso do ChatGPT pelos estudantes e relatos em que apenas os alunos, e não o próprio docente, utilizaram a ferramenta. Esses resultados reforçam que o principal uso docente da IA está associado ao desenvolvimento de materiais didáticos, seguido pelo apoio na preparação de avaliações.

Tabela 5. Número e percentual de docentes que declararam utilizar IA em diferentes atividades de ensino (n = 82)

Resposta	N de docentes	Percentual (%)
Nunca utilizei IA nas atividades de ensino	23	28,0%
Preparação de avaliações	35	42,7%
Correção de avaliações	10	12,2%
Criação de recursos para a aula (apoio com imagens, texto, slides, vídeos)	45	54,9%
Uso para leitura automatizada de trabalhos dos alunos	5	6,1%
Uso para apoiar a elaboração de atividades didáticas (cenários, simulações)	29	35,4%
Outros	7	8,5%

Fonte: Elaborado pelos autores.

A seguir, apresentamos na Tabela 6 se o grau de satisfação geral dos docentes em relação ao uso de IA em atividades de ensino, considerando apenas as experiências declaradas e incluindo aqueles que afirmaram nunca ter utilizado a ferramenta em suas práticas pedagógicas. Encontramos evidências de que há uma grande satisfação com o uso de IA como ferramenta de ensino.

Do grau de satisfação ao utilizar IA em atividades de ensino, apesar de 28 declararem nunca ter usado, dos que utilizaram, apenas 6 declaram pouca ou mais insatisfação e 43 declararam terem ficado satisfeitos ou muito satisfeitos com o resultado. O achado demonstra que entre os usuários há uma visão positiva no que toca ao uso de IA nas atividades de ensino.

Entre os 82 respondentes, 28 (34%) declararam nunca ter utilizado IA como ferramenta de ensino. Entre os outros que já utilizaram, 40% afirmaram estar satisfeitos e 12% muito satisfeitos, revelando que cerca de 80% dos usuários (43 dos 54 respondentes afirmativos) apresentou uma avaliação positiva da experiência. Em contrapartida, 7% dos docentes relataram algum grau de insatisfação com o uso da IA (5% muito insatisfeitos e 2% pouco insatisfeitos), enquanto 6% se declararam apenas pouco satisfeitos. Esses dados indicam uma percepção predominantemente favorável entre os docentes que utilizaram IA no ensino, ainda que uma proporção significativa dos respondentes ainda não tenha feito o uso destas ferramentas em sala de aula ou em atividades de preparação pedagógica.

Tabela 6. Grau de satisfação dos docentes com o uso de IA em atividades de ensino (n = 82)

Respostas	Frequência	Percentual (%)
Muito insatisfeito	4	4,88
Pouco insatisfeito	2	2,44
Pouco satisfeito	5	6,10
Satisfeito	33	40,24
Muito satisfeito	10	12,20
Não utilizei em nenhum tipo de atividade de ensino	28	34,15
Total	**82**	**100,00**

Fonte: Elaborado pelos autores.

Também foi questionado aos docentes o quanto consideram importante discutir o uso de IA em sala de aula. Os resultados, apresentados na Tabela 7, indicam a valorização expressiva do tema no contexto de ensino. Do total de 82 respondentes, 73% afirmaram considerar "muito importante" discutir o uso da IA em atividades de ensino, enquanto outros 10% indicaram que esta discussão é importante, totalizando 83% dos docentes atribuindo alta relevância ao tema. Apenas 2% consideraram essa discussão como "nada importante" e 4% atribuíram baixa importância. Outros 7% optaram pela posição intermediária, e 4% não responderam à questão. Esses dados reforçam o entendimento quase consensual de que o debate sobre IA deve ser incorporado como pauta no ensino superior.

Tabela 7. Importância atribuída pelos docentes à discussão do uso de IA em sala de aula (n = 82)

Respostas	Frequência	Percentual (%)
1 – Nada importante	2	2
2 – Pouco importante	3	4
3 – Indiferente	6	7
4 – Importante	8	10
5 – Muito importante	60	73
Sem resposta	3	4
Total	**82**	**100**

Fonte: Elaborado pelos autores.

Quanto à percepção dos docentes sobre mudanças na qualidade das entregas das atividades desde o final de 2022, ano de lançamento do Chat GPT, 40,24% dos respondentes declararam ter observado mudanças na qualidade das entregas que, em alguns aspectos melhorou, mas em partes piorou e 29,27% dos respondentes declarou ter achado que notou mudanças, mas para pior. Apenas 8,54% dos respondentes acham que as entregas de discentes melhoraram muito, e 15,85% acham que não houve diferenças.

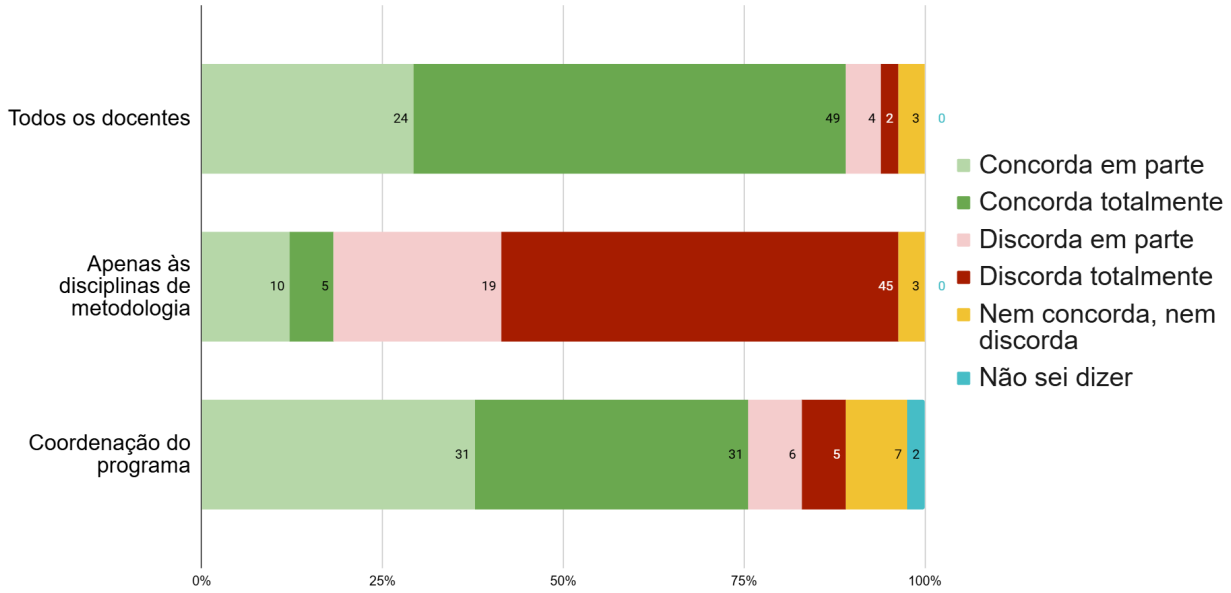
Tabela 8. Percepção dos docentes em relação à qualidade das entregas de atividades de discentes

Não sei dizer, não dava aula antes da IA.	2,44%
Não, as entregas estão no mesmo nível.	15,85%
Prefiro não responder	3,66%
Sim, em alguns aspectos a qualidade melhorou, mas em partes piorou.	40,24%
Sim, mas ficou pior.	29,27%
Sim, melhorou muito	8,54%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Finalmente, investigando sobre a opinião dos respondentes em relação à responsabilidade da orientação ao corpo discente a respeito da utilização de plataformas de IA alertando sobre seus riscos e benefícios, observa-se que a maior parte concorda que todos os docentes podem abordar sobre riscos e vieses das ferramentas e não apenas disciplinas de metodologia. Observa-se, também, que 75,6% concordam que a coordenação de curso também deveria ter algum papel nesse processo.

Figura 2. Responsabilização para orientação do corpo discente sobre uso de IA



Fonte: Elaborado pelos autores.

Analisando as respostas qualitativas, observamos que a maioria dos docentes apontou como principal contribuição das IAs a melhor qualidade dos textos, em termos de estrutura, coerência, escrita mais fluída e com menos erros ortográficos. Especificamente para os docentes, destaca-se que as IAs auxiliaram na redução do tempo necessário para organizar material didático. Ainda, sugerem que as IAs podem ser utilizadas de maneira eficiente para diversas outras atividades:

- Reescrita de textos;
- Revisão e pesquisa bibliográfica;
- Pesquisa de dados;
- Superar bloqueios criativos, promovendo maior autonomia e produtividade.

Predomina também no corpo docente de CPRI, uma visão negativa sobre como as IAs têm impactado o ensino e a aprendizagem. O principal problema identificado pelos professores foi a cópia dos textos gerados pela IA que, para além de implicações de plágio, o que por si só consiste em um problema grave, essa prática, comum entre os alunos, parece estar associada a outros fatores. Listamos abaixo outros problemas citados pelos respondentes:

- Falta de verificação das fontes utilizadas pela IA para geração do conteúdo solicitado que gera: referências bibliográficas inexistentes, sugestões não factuais;

- Ausência de senso crítico no uso das IAs e, principalmente;
- A não leitura dos textos, limitando apenas aos resumos fornecidos pela IA.

O que os professores percebem é que a argumentação expressa nos textos (construídos com a ajuda ou gerados pela IA) não é observada quando os alunos precisam apresentar oralmente esses trabalhos, ou seja, os alunos não conseguem desenvolver uma argumentação, inclusive, com um vocabulário limitado. Isso sugere um uso inadequado da ferramenta, de modo que muitos alunos acabam delegando à IA a tarefa que lhe foi atribuída e apenas reproduzindo aquilo que lhe foi gerado. Nesse sentido, percebe-se uma possível diminuição na capacidade de construção de raciocínio analítico.

Em conjunto, esses fatores parecem explicar o panorama atual sobre o uso de IAs no ensino: uso excessivo e sem reflexão, textos incoerentes, com linguagem mecanizada, pouco aprofundados e sem identidade, dotados de erros conceituais e inexistência de fontes utilizadas. Os professores convergem com a constatação de que ainda não há ferramentas práticas e mecanismos institucionais que auxiliem o professor a 1) a detectar usos automáticos de IA nos trabalhos e; 2) reprovar os alunos cujo uso da ferramenta viole os princípios éticos e metodológicos da pesquisa científica, limitam o trabalho do corpo docente.

Como um dos objetivos deste artigo é contribuir para a melhor compreensão sobre como utilizar IA no ensino, pedimos para os docentes respondentes do questionário compartilhar, opcionalmente, suas experiências e sugestões, de modo a mitigar os efeitos negativos da utilização da ferramenta que comprometem a aprendizagem. Em geral, os professores encontraram na adoção dos trabalhos ou provas em sala a solução mais viável para evitar com que os alunos utilizassem IA. Uma sugestão foi, inclusive, a realização de resenhas em sala de aula que exigissem do aluno expressar na resenha a sua visão pessoal. Outras sugestões incluem:

- Pensar em novos tipos de trabalho e atividades conciliatórios com as IAs;
- Adotar o uso de IA para estudos de caso e análises de cenários;
- Investir na orientação aos alunos para melhor uso das ferramentas na academia.

Diante dos desafios apresentados, pode-se questionar: é possível considerar o uso de ferramentas de IA no ensino superior? Como inserir a discussão sobre IA em sala abrindo caminhos para um uso reflexivo desse tipo de ferramenta?

Há diversas possibilidades. Na próxima seção, trazemos reflexões e exemplos práticos do uso de IA em sala de aula como instrumento pedagógico.

Roteiros de atividades com uso de IA no ensino superior

Entendemos que todos os professores podem, de alguma maneira, abordar alguma questão relacionada ao uso de IA no ensino, seja na promoção de atividades de discussão ou fixação de conteúdo, ou atividades avaliativas. É possível, por exemplo, destacar riscos de potenciais vieses (racistas, misóginos ou mesmo históricos), abordar o impacto ambiental (aumento da demanda por água e energia), destacar custos e diferenças entre versões pagas ou gratuitas, evidenciar desigualdades estruturais e de acesso à informação de qualidade, chamar atenção para riscos de manipulação, uso de dados pessoais, problemas de ética e transparência, iniciativas de regulação ou o uso de diferentes ferramentas resultando em respostas completamente diferentes, impulsionando o problema da desinformação. Entretanto, também é possível destacar as potencialidades, especialmente na dimensão técnica, ao ensinar construir protocolos mais precisos na elaboração de atividades, como por exemplo uma revisão de literatura; elaboração de fichamentos; revisão ortográfica; tradução; criação de *scripts* para análise de dados em softwares, entre outras, destacando a importância da transparência e prestação de contas.

Algumas práticas básicas que podemos orientar os alunos no uso de IA são: i. exigência de apêndices ou notas de rodapé informativos[10]; ii. exercícios de comparação de consultas entre as plataformas; iii. exercícios de rastreamento de vieses; iv. exercícios de construção de cenários, com apoio da plataforma (para criação de imagens, por exemplo).

Se o objetivo é propor algo mais elaborado, a seguir, apresentamos notas de ensino, com roteiros de atividades implementadas em disciplinas distintas, ao longo de 2025, a saber: a) História das Relações Internacionais I e II (P1; P2); b) Processos de Integração Regional (P4); c) Teoria das Relações Internacionais II (P4); d) Metodologia Científica (P1). Também discutimos brevemente os potenciais e limitações, a partir de cada experiência.

10 Como, por exemplo, detalhar o uso de plataformas em trabalhos acadêmicos, reportar o nome da plataforma, *prompts* e explicar em quais partes da pesquisa fez uso da IA (concepção, escrita, revisão, organização de bibliografia).

História das Relações Internacionais

As disciplinas de História das Relações Internacionais I e II, ofertadas no primeiro ano do curso, abrangem, respectivamente, da Antiguidade à Idade Moderna e a Idade Contemporânea. Em meados do semestre, após o contato com diferentes tipos de documentos históricos, como pinturas e tratados, os estudantes realizaram uma atividade avaliativa na qual deveriam localizar e analisar um documento referente a um dos períodos estudados, priorizando fontes além dos tratados mais conhecidos. Para essa busca, eles utilizariam uma IA. Uma síntese da atividade é apresentada no Quadro 1.

Quadro 1. Notas de ensino – História das Relações Internacionais

Aspecto	Descrição
Disciplina	História das Relações Internacionais I e II
Público-alvo	Estudantes do 1º e 2º períodos de RI (aproximadamente 80 alunos).
Atividade	Localização e análise, em grupos, de documentos históricos primários (séculos XVII–XX) com apoio de plataformas de IA, incluindo a verificação das fontes e sua relação com os conteúdos da disciplina.
Objetivos pedagógicos	• Familiarizar os estudantes com o uso de fontes primárias em pesquisa histórica. • Desenvolver competências para o uso transparente e crítico da IA na pesquisa científica. • Estimular a autonomia na seleção e análise de documentos históricos.
Procedimento	Os grupos utilizaram IA para localizar documentos históricos, verificaram as fontes e a disponibilidade dos documentos em repositórios confiáveis, registraram os procedimentos de busca e os *prompts* utilizados, produziram uma análise escrita e apresentaram os resultados em sala de aula.
Principais aprendizados	**Positivos:** ampliou o contato dos estudantes com fontes primárias, favoreceu maior engajamento na escolha dos temas e estimulou discussões sobre as potencialidades e limitações da IA na pesquisa histórica. **Negativos:** os trabalhos apresentaram problemas de formatação e descrição metodológica, evidenciando a necessidade de orientar os estudantes sobre como documentar e reportar procedimentos de pesquisa científica.
Contribuição pedagógica	Introduz o uso da IA para identificação e verificação de fontes primárias.

Fonte: Elaborado pelos autores. A descrição completa da atividade encontra-se no Apêndice A[11].

11 Disponível em: https://osf.io/t5w3f.

Os alunos surpreenderam pela qualidade das apresentações e, sobretudo, pela criatividade na escolha dos documentos. Foram analisadas obras de artistas como Guillaume Guillon-Lethière e Jacob Lawrence, que retratam a Revolução Haitiana, além de correspondências históricas (como as de Toussaint Louverture, Napoleão Bonaparte e Abigail Adams), documentos sobre as fronteiras entre o Império do Brasil e a Guiana Francesa, registros de povos indígenas brasileiros na Segunda Guerra Mundial, relatórios sobre o trabalho infantil nas fábricas britânicas e desenhos infantis produzidos durante a Guerra Civil Espanhola.

Após a discussão em sala de aula, criou-se um questionário de avaliação. No total, foram coletadas 52 respostas. Do total de respondentes, 48% afirmaram usar frequentemente ferramentas de IA. A IA mais utilizada foi o ChatGPT (73%), em seguida, o Gemini (11%), DeepSeek (8%) e Grok 3 (2%). Ainda, 4% dos alunos utilizaram outra IA para fazer a atividade e 2% afirmaram não ter utilizado. A maioria dos alunos já sabia o que era documentação primária antes da atividade (69%), contudo, a maioria (88%) também afirmou que nunca havia feito uma atividade semelhante antes. Em média, os alunos acharam a atividade muito interessante e ficaram satisfeitos com os resultados da pesquisa que encontraram. Quando questionados sobre se a atividade teria sido mais fácil de realizar através de sites de busca como o Google, a maioria discorda parcialmente, o que nos sugere que os alunos acreditam que a IA facilitou a realização da pesquisa. Entre os que mais discordam que o caminho do Google teria sido mais fácil, estão aqueles que utilizaram mais variedade de IAs, além do Chat GPT.

A análise da frequência de uso das ferramentas computacionais no cotidiano dos estudantes, bem como do nível de conforto declarado em sua utilização, revela que, mesmo entre aqueles que as utilizam raramente ou ocasionalmente, predomina uma percepção de grande familiaridade. Esse resultado sugere que tais ferramentas são amplamente acessíveis ao corpo discente.

Cumpre destacar pontos para uma possível replicação. Primeiro, do ponto de vista docente, observa-se que a atividade cumpriu seu objetivo de que os alunos tivessem contato com documentação primária. Tê-los deixado escolher os temas foi importante para promover o engajamento. Segundo, a utilização de instruções escritas foi necessária para a compreensão da atividade. Terceiro, ao compartilhar as experiências em sala de aula, ficou claro que o uso da IA facilitou a exceção da atividade, contudo, percebeu-se o quanto pode ser enganoso utilizar as IAs sem verificação das fontes. Alguns alunos compartilharam que algumas vezes a ferramenta gerava links inexistentes ou alguns pequenos erros. Por se

tratar de alunos do início do curso, observou-se que muitos alunos entregaram trabalhos mal formatados e com problemas de escrita. Observou-se, ainda, necessidade de ensinar a reportar o processo de coleta dos dados, no caso, da documentação primária e, portanto, esse pode ser mais um objetivo da atividade proposta aplicada a turmas futuras.

Processos de Integração Regional

Na disciplina de Processos de Integração Regional estuda-se os processos no período pós II-GM. Em grupos, os alunos deveriam apresentar casos de negociação de mega-acordos inter-regionais, discutindo seu histórico, o conteúdo e destacando eventuais impasses, os detalhes da atividade estão descritos no Quadro 2.

Além de poderem acessar apenas determinadas plataformas de IA de maneira específica (ou seja, se um grupo pudesse acessar o Chat GPT, eles não poderiam acessar o Deepseek), os alunos também receberam indicações de plataformas de repositórios acadêmicos tradicionais, tais como Google Acadêmico ou *Web of Science*. Além de um roteiro escrito, houve uma aula teórica na sessão anterior, com indicação de, ao menos, 4 referências bibliográficas para apoiar a elaboração dos trabalhos.

Quadro 2. Notas de ensino – Processos de Integração Regional

Aspecto	Descrição
Disciplina	Processos de Integração Regional
Público-alvo	Estudantes do 4º período de RI (aproximadamente 30 alunos).
Atividade	Elaboração, em grupos, de um trabalho sobre acordos inter-regionais contemporâneos, comparando o uso de plataformas de IA e repositórios acadêmicos na busca e análise de literatura científica.
Objetivos pedagógicos	• Compreender os processos de negociação de mega-acordos inter-regionais. • Desenvolver competências para o uso transparente e crítico da IA na pesquisa científica. • Comparar a qualidade das informações produzidas por plataformas de IA e bases acadêmicas tradicionais.
Procedimento	Dois grupos pesquisaram o mesmo acordo utilizando conjuntos distintos de ferramentas (plataformas de IA e repositórios acadêmicos), documentando os procedimentos, prompts e fontes utilizadas. Os resultados foram apresentados em relatório escrito e apresentação oral.

continua...

Aspecto	Descrição
Principais aprendizados	**Positivos:** a comparação entre plataformas de IA e bases acadêmicas tradicionais estimulou a reflexão sobre a qualidade das fontes, a transparência metodológica e o uso da IA na pesquisa científica. **Negativos:** as análises foram, em geral, superficiais, com uso limitado da bibliografia obrigatória e, em alguns casos, reprodução acrítica de respostas geradas por IA. Também foram observadas dificuldades de acesso e utilização de bases acadêmicas tradicionais.
Contribuição pedagógica	Desenvolve competências para integrar IA e bases acadêmicas na pesquisa científica.

Fonte: Elaborado pelos autores. A descrição completa da atividade encontra-se no Apêndice B[12].

Em geral, a qualidade dos trabalhos escritos foi ruim. Nenhum dos trabalhos utilizou referências bibliográficas indicadas previamente, nem retomou conteúdos que se conectaram da aula expositiva da sessão anterior, ainda que, durante a aula, observações explícitas e específicas para a avaliação foram feitas. Adicionalmente, observou-se que nenhum dos grupos declarou ter utilizado os repositórios da *Scopus* e da *Web of Science* para consultas de artigos acadêmicos. Posteriormente, os alunos declararam não terem conseguido acessá-las (embora tais dificuldades não foram comunicadas previamente).

Alguns pontos positivos, porém, foram observados. Os alunos perceberam que: i. quanto maior a interação e o nível de especificidade com a plataforma, melhores respostas obtém, de modo que não é a primeira e única resposta a que irá resolver seus problemas; ii. há diferenças importantes entre as plataformas escolhidas. Um fator que não pode ser conclusivo, diante da limitação da proposta é que os dois grupos que tiveram as maiores notas foram os que reportaram o uso de *Deepseek*, Gemini e Notebook LM. Apesar de *Deepseek* e Gemini serem plataformas de LLM que acessam bases de dados abertas, no caso do LM Notebook a ferramenta discute apenas os materiais carregados, de modo que funciona como um assistente de leitura, o que pode ter influenciado, do ponto de vista positivo, a robustez analítica de trabalhos que utilizaram essa plataforma.

Para fins de replicabilidade, sugere-se a necessidade de ser detalhista na descrição por escrito do roteiro, obrigando os alunos a abordarem o conteúdo discutido na disciplina e o uso de referências do curso, de modo que o acesso à IA seja apenas um recurso de apoio e não o centro do trabalho, como ocorreu

12 Disponível em: https://osf.io/e73n9/files/b8kcv.

em alguns casos em que os alunos entenderam, erroneamente, que eles deveriam fazer a análise sobre o uso de IA na elaboração do trabalho.

Teoria das Relações Internacionais II

A terceira atividade foi implementada na disciplina Teoria das Relações Internacionais II, com alunos do quarto período. Os conteúdos previstos são basicamente as teorias neorrealistas (ofensiva e defensiva), as teorias neoliberais institucionais, as abordagens marxistas para as Relações Internacionais e a Teoria Crítica. Os detalhes da atividade estão descritos no Quadro 3.

Quadro 3. Notas de ensino – Teoria das Relações Internacionais II

Aspecto	Descrição
Disciplina	Teoria das Relações Internacionais II
Público-alvo	Estudantes do 4º período de RI (aproximadamente 20 alunos por turma).
Atividade	Elaboração, em grupos, de um panfleto digital sobre a Guerra da Ucrânia para estudantes do ensino médio, analisando o conflito a partir do Neorrealismo (ofensivo e defensivo), Neoliberalismo Institucional e Teoria Crítica, com apoio de diferentes plataformas gratuitas de IA.
Objetivos pedagógicos	• Aplicar teorias das RI à análise de um conflito contemporâneo. • Desenvolver comunicação científica para público não especializado. • Estimular o uso crítico da IA, a comparação entre teorias e o trabalho colaborativo.
Procedimento	Cada grupo utilizou uma IA gratuita para responder a um conjunto padronizado de perguntas, produziu um panfleto digital (até oito páginas) e apresentou os resultados em sala de aula.
Principais aprendizados	Os estudantes identificaram diferenças significativas na qualidade das respostas entre teorias e plataformas, observando respostas mais consistentes para o Neorrealismo e limitações relevantes na explicação da Teoria Crítica. A atividade reforçou a necessidade de validação crítica das informações produzidas por IA.
Contribuição pedagógica	Desenvolve a capacidade de identificar e questionar os vieses presentes nas interpretações teóricas produzidas pela IA.

Fonte: Elaborado pelos autores. A descrição completa da atividade encontra-se no Apêndice C[13].

Paralelamente ao objetivo central, estimulou-se o uso crítico e comparativo de ferramentas gratuitas de IA na produção de conhecimento, promovendo

13 Disponível em: https://osf.io/wbmdn.

competências como interpretação teórica, comunicação visual e trabalho colaborativo. Os alunos, em grupos, construíram um panfleto digital, incorporando imagens e explicações teóricas a partir das três abordagens exigidas. Cada grupo deveria submeter uma bateria padronizada de perguntas a uma ferramenta distinta de IA gratuita (por exemplo: ChatGPT, DeepSeek, Google Gemini, Grok, Meta AI), e a partir das respostas geradas, elaborar o conteúdo do panfleto. A apresentação foi realizada em sala de aula, por meio de data show, e o material final entregue ao professor.

A atividade gerou reflexões relevantes, especialmente quanto à confiabilidade e utilidade das ferramentas de IA em contextos acadêmicos. De modo geral, os estudantes expressaram frustração com a baixa qualidade e a aleatoriedade das respostas fornecidas, sobretudo no que se refere à Teoria Crítica das Relações Internacionais, que foi retratada de forma superficial, com erros conceituais ou simplificações exageradas. Em contraste, as respostas relacionadas ao Neorrealismo (em suas vertentes ofensiva e defensiva) foram percebidas como mais coerentes e fundamentadas, ainda que não isentas de problemas graves, como criação de fontes bibliográficas inexistentes. Esse resultado evidencia uma limitação importante no uso de IAs generalistas para fins especializados em teoria das RI, reforçando a necessidade de leitura crítica por parte dos alunos dos artigos e livros originais. Os próprios alunos chegaram coletivamente à conclusão de que a leitura dos textos originais continua sendo insubstituível. Dessa forma, as IAs teriam um papel complementar e nunca substitutivo.

A atividade cumpriu seu objetivo formativo ao provocar questionamentos sobre a mediação tecnológica na produção de conteúdo acadêmico e ao promover a internalização dos conceitos teóricos por meio de uma prática pedagógica criativa, interdisciplinar e voltada para a comunicação pública do conhecimento. Ainda que os resultados técnicos das IAs tenham sido insatisfatórios em certos aspectos, a atividade funcionou como catalisador para o desenvolvimento de um olhar crítico sobre o uso de novas ferramentas digitais no ensino e na pesquisa. Reitera-se, assim, a importância de atividades que estimulem o julgamento autônomo e a capacidade de tradução de conceitos acadêmicos para públicos diversos.

Metodologia Científica

A última atividade foi implementada na disciplina Metodologia Científica com

alunos ingressantes. Na disciplina cobre discussões sobre ontologia, epistemologia e métodos de pesquisa, coleta e análise de dados, bem como desenhos de pesquisa experimentais, observacionais quantitativos, qualitativos e mistos. Também foram apresentadas reflexões sobre a ética, transparência e replicabilidade. O Quadro 4 apresenta uma síntese da atividade.

Quadro 4. Notas de ensino – Metodologia Científica

Aspecto	Descrição
Disciplina	Metodologia Científica
Público-alvo	Estudantes do 1º período de RI (aproximadamente 40 alunos por turma).
Atividade	Elaboração de um formulário de pesquisa com apoio de duas plataformas gratuitas de IA generativa, comparando criticamente as respostas produzidas.
Objetivos pedagógicos	• Desenvolver competências para o uso crítico da IA na pesquisa. • Estimular a reflexão metodológica. • Avaliar a confiabilidade, os limites e as potencialidades dessas ferramentas.
Procedimento	Os estudantes adaptaram um roteiro padronizado ao próprio projeto de pesquisa, utilizaram duas IAs para responder às mesmas perguntas e entregaram um relatório comparativo identificando a origem de cada resposta.
Principais aprendizados	Os estudantes identificaram problemas recorrentes, como referências inexistentes, erros factuais e respostas superficiais, reconhecendo que a IA pode apoiar o ensino e a pesquisa desde que utilizada de forma crítica e acompanhada por orientação docente.
Contribuição pedagógica	Promove o uso crítico da IA na elaboração de projetos de pesquisa.

Fonte: Elaborado pelos autores. A descrição completa da atividade encontra-se no Apêndice D[14].

A atividade propôs que os estudantes, grupos ou individualmente, utilizassem duas ferramentas gratuitas como Chat GPT, DeepSeek, Grok e Google Gemini para auxiliar na elaboração de um formulário de pesquisa baseado nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas. Os alunos deveriam adaptar perguntas-modelo fornecidas pelo professor ao tema e aos métodos de coleta e análise de dados de sua própria proposta de pesquisa, apresentando essas perguntas às IAs escolhidas. Em seguida, deveriam comparar as respostas obtidas, identificar, e verificar, suas fontes e reunir todas as interações em um documento final.

14 Disponível em: https://osf.io/vjywp.

Os resultados revelaram um importante aprendizado crítico por parte dos estudantes. A maioria ficou negativamente impressionada com a baixa qualidade das respostas oferecidas pelas IAs, especialmente pela frequência com que inventaram fontes inexistentes (artigos, livros e bases de dados) sem qualquer rastro na internet. Esse comportamento das ferramentas evidenciou a necessidade de letramento digital e metodológico para o uso seguro e produtivo dessas tecnologias no meio acadêmico. Além disso, os alunos relataram nunca terem sido incentivados a refletir criticamente sobre essas ferramentas durante o Ensino Médio. Assim, a atividade foi percebida como uma ruptura pedagógica importante. Mais do que estimular o uso da tecnologia, ela fomentou a consciência de que tais ferramentas devem ser usadas com cautela, checagem e acompanhamento constante.

A atividade cumpriu seus objetivos educacionais, ao evidenciar o potencial das IAs como instrumentos auxiliares no ensino e na pesquisa, mas também ao demonstrar claramente seus limites e riscos. A experiência permitiu que os estudantes desenvolvessem habilidades críticas, metodológicas e éticas essenciais para sua formação acadêmica. Recomenda-se, para atividades futuras, que os docentes incluam uma orientação técnica e crítica sobre o funcionamento das IAs, bem como instrumentos de verificação de fontes. Isso garantirá que os alunos não apenas usem essas ferramentas, mas que saibam interpretá-las e confrontá-las com padrões acadêmicos de qualidade e confiabilidade.

Considerações Finais

Qualquer professor concordaria que aprender é mais do que dominar e catalogar conteúdo. Aprender envolve um complexo processo analítico que prescinde de tempo, em alguma medida. Por conta da inserção das ferramentas de IA no cotidiano acadêmico, os desafios envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem de humanos, especialmente de conteúdos que envolvem alta capacidade de concentração e análise crítica, tais como aqueles de ciências sociais e humanas, aumentaram. Apesar do grande potencial que as ferramentas de IA apresentam, em termos de facilitar acesso a informações e, aparentemente, tornar os processos de ensino-aprendizagem mais personalistas e, em última instância, mais eficientes, observa-se que já existe literatura que aponta para riscos envolvidos que podem levar a uma aprendizagem ilusória.

Nossa pesquisa revelou que, apesar da maioria dos docentes de cursos de graduação em CPRI no Brasil entenderem que é uma responsabilidade coletiva abordar o uso de IA em sala de aula, seja como uma ferramenta ou como um potencial elemento de mudanças profundas nas relações de poder na sociedade, não se sabe ao certo como fazer isso. Um começo são as disciplinas de metodologia que apresentam-se no início dos cursos, como foi relatado, através da condução de uma atividade simples de comparação das respostas de diferentes plataformas de IA, destacando a dificuldade de replicabilidade e confiança de informações. Uma atividade implementada de maneira estruturada pode promover resultados interessantes para que os alunos compreendam os riscos envolvidos na produção de conhecimento científico válido. Não existe uma fórmula pronta, mas acreditamos que apenas ignorar esse fenômeno, ao simplesmente continuar reproduzindo exercícios, atividades e avaliações que funcionaram no passado não é eficaz. Outra possibilidade é a produção de atividades em sala de aula, sem consulta a recursos tecnológicos e que envolvam competências básicas de leitura, escrita e repetição.

O uso de IA em sala de aula exige discutir os papéis de professores e alunos na socialização em torno dessas ferramentas. Esse processo envolve aprender a avaliar o que é apresentado como conhecimento, definir o que pode ser delegado à IA e assumir a responsabilidade pelas interpretações utilizadas. A responsabilidade precisa ser discutida no cotidiano das disciplinas, considerando as diferentes experiências e condições de acesso dos estudantes. Os casos oferecem algumas contribuições para esse debate e pesquisas futuras poderão avançar nessa agenda.

Um caminho possível é combinar estratégias com a inserção de atividades que despertem a capacidade crítica do uso de plataformas de IA, de um lado, e tarefas que impeçam o uso dessas plataformas, seja através de uma performance presencial e espontânea, desenvolvendo capacidade argumentativa, ou um exercício de leitura, escrita e correção mútua a serem feitos presencialmente, integral ou parcialmente. Não é simples considerar trabalhos que possibilitem o uso de IA. É preciso descrever detalhadamente. Não há atalhos e os caminhos que precisam ser trilhados pelos docentes desta geração, não foram aprendidos em sala de aula. Por isso, é preciso promover discussões nos colegiados e associações, pensar e testar possibilidades, relatar fracassos e compartilhar pequenos sucessos.

Referências

Abbasi, Babar N., Yingqi Wu, e Zhimin Luo. 2025. "Exploring the Impact of Artificial Intelligence on Curriculum Development in Global Higher Education Institutions." Education and Information Technologies 30 (1): 547–581.

Alotaibi, Nayef S. 2024. "The Impact of AI and LMS Integration on the Future of Higher Education: Opportunities, Challenges, and Strategies for Transformation." Sustainability 16 (23): 10357.

Bátora, Jozef. 2008. Foreign Ministries and Information Revolution: Going Virtual? Leiden: Martinus Nijhoff Publishers.

Becker, Karin L., Danielle Gilbert, e Paul Bezerra. 2024. "Promoting College Reading Completion and Comprehension with Reading Guides: Lessons Learned Regarding the Role of Form, Function, and Frequency." Journal of Political Science Education 20 (1): 14–30.

Bjola, Corneliu, e Marcus Holmes, orgs. 2015. Digital Diplomacy. New York: Taylor & Francis.

Bode, Ingvild. 2024. "AI Technologies and International Relations: Do We Need New Analytical Frameworks?" The RUSI Journal 169 (5): 66–74.

Cizmar, Anne M., e Benjamin Tyler Holt. 2023. "Analyzing Reading Assessments through a Randomized Trial." Journal of Political Science Education 19 (1): 53–65.

Farias, Débora B. L. 2026. "Which IR Theories do Large Language Models Prefer'?" Global Policy Journal. Available at: https://www.globalpolicyjournal.com/blog/15/06/2026/which-ir-theories-do-large-language-models-prefer. Accessed on 5 October 2026.

Iasulaitis, Silvia, e Sérgio A. da Silveira, orgs. 2025. Estudos Sociopolíticos da Inteligência Artificial. Campina Grande: EDUEPB.

Kaltofen, Christian, Madeline Carr, e Michele Acuto, orgs. 2019. Technologies of International Relations. Palgrave Pivot.

Kehlenbach, E. Stephan. 2025. "The Impact of Infrastructure: Considerations of Generative AI in the Classroom." Journal of Political Science Education: 1–10.

Kosmyna, Natalia, Ye T. Yuan, Jessica Situ, Xian H. Liao, Ashly Beresnitzky *et al* 2025. "Your Brain on ChatGPT: Accumulation of Cognitive Debt When Using an AI Assistant for Essay Writing Task." arXiv e-prints, arXiv:2506.

Mayer, Maximilian, Mariana Carpes, e Ruth Knoblich, orgs. 2014. The Global Politics of Science and Technology. Vol. 1: A New Global Power Shift. Springer.

Msambwa, Mgambi M., Zheng Wen, e Kangwa Daniel. 2025. "The Impact of AI on the Personal and Collaborative Learning Environments in Higher Education." European Journal of Education 60 (1): e12909.

Nemer, David. 2022. Technology of the Oppressed: Inequity and the Digital Mundane in Favelas of Brazil. Cambridge: The MIT Press.

Roumate, Fatima. 2024. Artificial Intelligence and the New World Order: New Weapons, New Wars and a New Balance of Power. Switzerland AG: Springer Nature.

Singh, J. P., e James N. Rosenau. 2022. Information Technologies and Global Politics. Albany: SUNY Press.

Szkarłat, Monika e Mojska, Katarzyna, org. 2016. New Technologies as a Factor of International Relations. Cambridge Scholars Publishing.

Tanczer, Leonie, e Barry Buzan. 2019. "Technology: From the Background to Opportunity [Leonie Tanczer in Conversation with Barry Buzan]." Em Technologies of International Relations: Continuity and Change, org. por Christian Kaltofen, Madeline Carr e Michele Acuto, 115–122. Cham: Palgrave Pivot. Springer International Publishing.

Valera, Luca, e Juan Carlos Castilla. 2020. "New Questions on Global Environmental Changes and Ethics in the Contemporary Technological World." Em Global Changes: Ethics, Politics and Environment in the Contemporary Technological World, organizado por Luca Valera e Juan Carlos Castilla, 191–203. Springer Nature Switzerland AG.

Wang, Jing, e Wenxiang Fan. 2025. "The Effect of ChatGPT on Students' Learning Performance, Learning Perception, and Higher-Order Thinking: Insights from a Meta-Analysis." Humanities and Social Sciences Communications 12 (1): 1–21.

Zuboff, Shoshana. 2019. A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro: Intrínseca.

Declaração sobre uso de IA: utilizamos o Chat GPT para organizar as Referências no padrão Chicago, para traduzir resumo e título para espanhol e inglês e na revisão bibliográfica, utilizamos o Consensus, conforme devidamente reportado no texto.